

MANUEL BANDEIRA E O CORDEL

MANUEL BANDEIRA AND BRAZILIAN FOLK POETRY (CORDEL)

Maria Aparecida Ribeiro¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5063-5096>

Enviado em: 05/02/2026

Aceito em: 30/03/2026

Publicado em: 22/07/2026

Resumo: Manuel Bandeira, nascido em Pernambuco, terra de produção de literatura de cordel, sempre apreciou esse tipo de texto, o que pode ser visto em poemas e crônicas de sua autoria. Como resposta ao amor do poeta por esse tipo de literatura, vários folhetos de cordel lhe foram dedicados. Como exemplos, serão aqui tratados os de Rodolfo Coelho Cavalcante, Marcelo Soares, Aldemar Paiva, Homero do Rego Barros, Antônio Carlos de Oliveira Barreto Antônio Carlos e Jotacê de Freitas, Lamartine Moraes, Rafaelle Sousa, além dos versos de Djavan em “Violetos”, que dão continuidade a texto de Bandeira.

Palavras-Chave: Manuel Bandeira; Poesia de cordel; Recepção.

Abstract: Manuel Bandeira, born in Pernambuco, a land known for producing literatura de cordel (chapbook poetry), always appreciated this type of literature, as seen in his own poems and chronicles. In response to the poet's love for this literary form, several cordel booklets were dedicated to him. Examples to be discussed here include those by Rodolfo Coelho Cavalcante, Marcelo Soares, Aldemar Paiva, Homero do Rego Barros, Antônio Carlos de Oliveira Barreto (Antônio Carlos), and Jotacê de Freitas, Lamartine Moraes, Rafaelle Sousa, as well as Djavan's verses in “Violetos”, which continue Bandeira's text.

Key words: Manuel Bandeira; Cordel poetry; Reception.

Introdução

Poeta que usou a «língua certa do povo / língua errada do povo», além, claro, de maneiras de dizer portuguesas, era natural que o nome de Bandeira, ou até mesmo alguma coisa de suas composições, chegasse ao cordel. E não só por isso, mas por haver

¹ Universidade de Coimbra (professora convidada c/agregação). Centro de Literatura Portuguesa. E-mail: aparecida@mail.telepac.pt.
Link do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1041667302184216>;

muitos cordelistas em Pernambuco, sua terra natal, onde um espaço lhe é mesmo dedicado, em Recife — o Espaço Pasárgada, na Rua da União, por ele celebrizada, num poema, na evocação que faz da cidade.

Também é preciso referir que Manuel Bandeira apreciava os poetas de cordel, como se pode ver em “Cantadores do Nordeste”, que ele incluiu em *Estrela da Tarde*:

Anteontem, minha gente,
Fui juiz numa função
De violeiros do Nordeste
Cantando em competição.
Vi cantar Dimas Batista,
Otacílio, seu irmão,
Ouvi um tal de Ferreira.
Ouvi um tal de João.
Um a quem faltava um braço
Tocava cuma só mão;
Mas como ele mesmo disse,
Para cantar afinado,
Para cantar com paixão,
A força não está no braço,
Ela está no coração.
Ou puxando uma sextilha,
Ou uma oitava em quadrão,
Quer a rima fosse em inha
Quer a rima fosse em ão,
Caíam rimas o céu,
Saltavam rimas do chão.
Tudo muito bem medido
No galope do Sertão.
A Eneida estava boba,
O Cavalcanti bobão,
O Lúcio, o Renato Almeida,
Enfim toda a comissão.
Saí dali convencido
Que não sou poeta não:
Que poeta é quem inventa
Em boa improvisação
Como faz Dimas Batista
E Otacílio seu irmão;
Como faz qualquer violeiro,
Bom cantador do Sertão;
A todos os quais, humilde,
Mando minha saudação. (Bandeira, 2020, p. 404, v.1)

Djavan musicou, em "Violeiros"², os dez primeiros versos desse poema de Bandeira. E acrescentou:

Mas como ele mesmo disse com veia de emoção
Eu canto a desesperança, vou na alma e dou um nó
Quem me ouvir vai ter lembrança de Tomás de um braço só

Outro por nome de Euclides, pedia com voz mais rouca
Maior atenção de Eurides, mas dizem que ela era mouca
Já o Joca de Carminha não via a hora chegar
Por onde anda Nezinha que não vem me ouvir cantar?

Aquilo é mulher de lua, dia tá bem, outro não
Gosta de mim, mas não vê futuro na profissão
Mesmo assim jurou que vinha e me fez ficar contando
Sem saber cadê Nezinha, Joca foi desanimando

Friagem no lajedo no ar do olhar um tormento
Cantar os males mo'de apagar um amor ardendo
Friagem no lajedo no ar do olhar um tormento
Cantar os males mó' de apagar um amor ardendo

Dentre todos repentistas Zé Jacinto é o mais menino
Esse nem tava na lista mas é neto de Jovino
João Braúna e Pernambuco arribaram sem cantar
Um porque tava de luto, o outro não quis explicar

Cá no desvão do nordeste a vida não vale o nome
É gente que nasce e cresce pra dividir sede e fome
Mal começou Zé de Tonha, todos caíram vencidos
Cantando suas vergonhas foi ele o mais aplaudido

Friagem no lajedo no ar do olhar um tormento
Cantar os males mo 'de apagar um amor ardendo
Friagem no lajedo no ar do olhar um tormento
Cantar os males mó' de apagar um amor ardendo.³

² Indicação que agradecemos a Fanka Santos.

³ Mônica Salmaso canta essa composição, o que pode ser visto em <https://youtu.be/-HWzAV-W7MA?si=PFejr2FoPMdDo2Wo>

Uma outra referência a considerar é a que o nosso poeta pernambucano faz na crônica «Semana Cheia», quando os amigos o homenagearam em seu aniversário. A cronista Eneida levou à Livraria São José:

[...] uns cantadores paraibanos que nos encantaram com as suas emboladas repentistas. Campina, Curió e mais outro, cujo nome não guardei, se desmandaram em sextilhas maiores e menores. Enquanto Curió teimava no estribilho «Maria, meu amor»!, Campina tirava:

Sou adepto de São Miguel

E só não lhe boto no céu

Porque não tenho posses.

Um quarto cantador, Paulo Nunes Batista, «Pau Brasil» (pois cantador que se preza tem de ter outro nome), oferece-me dois folhetos — *O filho do Valente Zé Garcia* e *O Negrinho do Pastoreio*, com dedicatórias em verso me arrastando «pelos céus da Fantasia, nas asas soltas do Sonho» Eta eu! (23-IV-1958) (Bandeira, 2020, p. 334, v.2).

Além dos versos de Djavan em “Violeiros”, que, como se viu, dão continuidade a um texto de Bandeira, e levando em consideração esse relacionamento afetivo e efetivo de Manuel Bandeira com a poesia popular, este trabalho investiga os textos de alguns cordelistas que fazem referência ao pernambucano. Entre eles, Rodolfo Coelho Cavalcante, Marcelo Soares, Antônio Carlos de Oliveira Barreto e Rafaelle Sousa.

1. A Figura de Bandeira no Cordel

Às vezes, nos versos dos poetas de cordel, o nome de Bandeira aparece apenas mencionado, como acontece num folheto de Rodolfo Coelho Cavalcante, um dos mais antigos e conhecidos cordelistas do Brasil. Em *Ascenso Ferreira, o imortal poeta de Pernambuco* (Cavalcante, 1981), Rodolfo começa por contar a vida de Ascenso: data do nascimento, nome dos pais e como se lhe iniciou a veia poética. Conta também que «o imortal poeta» fundou a «Hora poética de Palmares», reunindo-se aos domingos com seus pares, tornando-se um líder. Surge então o nome de Manuel Bandeira, juntamente com os de Drummond, Joaquim Inojosa e Mário de Andrade, como vultos do Modernismo que apreciaram a «pena maviosa» do palmarenses.

<https://periodicos.unifap.br/estacaocientifica>

Macapá, v. 12, n. 1, 2026.

Num outro cordel sobre Ascenso — *Ascenso Ferreira: centenário do poeta (1895-1995)* —, Marcelo Soares, o nome do autor de *Itinerário de Pasárgada* volta a aparecer. Desta vez em versos que procuram biografar o homenageado, enfatizando que a poesia cedo tomou conta dele e que a pernambucanidade o marcou. Antes, porém, de começar a biografia propriamente dita, Marcelo relaciona-o a outras vozes da poesia brasileira, pernambucanas ou não:

Ascenso — Luís Jardim
Ascenso — Manuel Bandeira
Ascenso — voz brasileira
Ascenso — brasilidade
Ascenso — vate Ferreira (Soares, 2001, p. 2)

Em *Catulo da Paixão Cearense: o trovador do Brasil*, Rodolfo Coelho Cavalcante também usa o esquema de começar pelo nascimento do poeta. Depois, faz menção a suas poesias mais conhecidas e transcreve o que dele disseram homens de letras como o português Alberto de Oliveira, Afrânio Peixoto, Guimarães Martins, Câmara Cascudo, Modesto de Abreu, Carlos Maud, Othon Costa e Antonio Justo. Finalmente, entre os poetas brasileiros, Rodolfo enumera Manuel Bandeira (Cavalcante, 1973, p. 13)

Em *A chegada de Nelson Ferreira ao céu (uma fantasia de cordel)*, Aldemar Paiva — explorando um tema comum na poesia de cordel — começa por noticiar a morte de Nelson e informa que houve uma recepção quando de sua chegada ao céu. Os convidados para a recepção foram escolhidos por Nosso Senhor e, como não podia deixar de ser numa festa dedicada a um pernambucano, houve «orquestras de frevo e anjinhos fazendo o Passo» (Paiva, 1982, p. 10). No palanque, estavam Zé Renato e Mário Melo. Participaram blocos como A pois-Fum, Pirilampos e Dragões. E «Manuel Bandeira escrevia / os versos de saudação / lembrando Nelson Ferreira / com verdadeira emoção / pelas ruas da Saudade / Da Amizade e da União.» (Paiva, 1982, p. 17)

Além desses textos em que aparece apenas mencionado, o poeta de «Estrela da Manhã», tem, em seu centenário, um folheto que lhe é inteiramente dedicado: *Homenagem ao poeta (recifense) Manuel Bandeira (1886 – 1968)*. Da autoria de Homero do Rego Barros (Cf. Barros, 1986), que se autointitula «trovador de Olinda e Recife», o cordel é dividido em várias seções: «Do tombamento e outros informes», onde trata da criação do Espaço Pasárgada, pela FUNDARPE, na casa da Rua da União, onde nasceu Bandeira; «Do saudoso homenageado. Centenário do seu nascimento (1886-1986)», que traça a biografia o poeta, seguindo o que diz Francisco de Assis Barbosa em «Cronologia da Vida e da Obra de Manuel Bandeira».

A palavra Pasárgada, difundida por Bandeira, que lhe atribui um sentido todo seu, também surge entre os poetas de cordel e não só quando falam do recifense. Em *Canto Lírico de um Sertanejo*, do baiano de Santa Bárbara, Antônio Carlos de Oliveira Barreto, Pasárgada equivale a um espaço real, a cidade natal do cordelista, o que lhe retira a idealização que assume no poema de Bandeira: «As vestes das nuvens brancas / traduzindo calma / derretendo-se no solo / de Santa Bárbara amada / a Pasárgada comparada / para me dar moradia» (Barreto, s.d., p. 4).

Aliás, num outro folheto — *A Peleja Internética entre Dois Cabras da Peste* —, da autoria de Antônio Carlos e Jotacê de Freitas, Jotacê diz que «na contenda literária / Minha verve é funerária, / Mas cheia de muito amor». Ao que Antônio Carlos retruca: «De promessas de amor/ O povo já está cansado / Quero mudar de conversa / pois «tô» ficando retado.» E promete: «E sendo de Santa Bárbara, /Lhe conduzo até Pasárgada/ pra você ficar curado» (Barreto & Freitas, 2005, p. 3). A observação de Antônio Carlos reitera Pasárgada como espaço de fuga, como o lugar idealizado por Bandeira, mas não deixa de imprimir a Santa Bárbara uma certa idealidade, já que ser natural de lá confere uma espécie de passaporte a seus naturais.

No entanto, Jotacê retruca, dizendo: «Santa Bárbara eu conheço / Por requeijão e coalhada». Tal resposta não só recoloca Santa Bárbara como um espaço real, lugar de referência por coisas materiais, como demonstra que o cordelista deve ter conhecimento do poema de Bandeira, pois a «moça bonita para a gente namorar» e a

cidade idealizada pelo poeta surgem dessa forma: «Em Pasárgada sei que moça / é doce igual a cocada. / Manuel Bandeira escreveu / tudo o que se sucedeu / na cidade tão sonhada» (Barreto & Freitas, s.d.: p. 4).

No título de um cordel da autoria de Lamartine Moraes, a palavra em torno da qual Bandeira criou a sua fantasia de lugar ideal volta a aparecer: *De Bandeira a Pasárgada*. Trata-se de uma biografia do poeta, classificado como «conservador e moderno», cuja glória pertence a Recife, cidade fora da qual a «vida [lhe] foi um inferno» (Moraes³, 1994: p.1). Nesse percurso biográfico Lamartine pinça expressões da poesia bandeiriana, como «faz **versos como quem morre**» (Moraes³, 1994: p. 3), de «Desencanto»; «do **craveiro** era um **botão**», «**coelho-sai**», «**vidraças de D. Aninha Viegas**» de «Evocação do Recife» (MORAIS³, 1994: p. 5). E informa como se fosse coisa da juventude do poeta — e não da adolescência no Colégio Pedro II —, a leitura de Xenofonte, onde encontrou a palavra Pasárgada (Cf. Moraes³, 1994, p. 5; Pinho, 1996; Pinho, 2005). Essa Pasárgada, «indolente / Cidade provinciana / ao sul da antiga Pérsia / tranquila em sua inércia/ com paisagem soberana», é «o paraíso / da poesia e do sonho / sem angústia e prejuízo» (Cf. MORAIS³, 1994, p. 6). Afirmando que «Pasárgada foi lenitivo para as dores de Bandeira / que sonhou a vida inteira / ficar ali sempre vivo» (Cf. MORAIS³, 1994, p. 6), o cordelista aproveita, mais uma vez, uma expressão do poeta, e diz que, «sendo **amigo do rei**,/ MANUEL era a BANDEIRA / desta terra hospitaleira» (Cf. MORAIS³, 1994, p. 7). Dessa apropriação da expressão usada pelo poeta em «Evocação do Recife», Moraes passa a outra — a da «**mulher que quis / na cama que escolheu**» —, para, então, justificar o «a Pasárgada» em seu título: a criação, pela FUNDARPE, do Espaço Pasárgada, na Rua da União, em 19 de abril de 1986, data do centenário do poeta.

Um Encontro com Bandeira é outro cordel de Lamartine Moraes. Desta vez, porém, a principal finalidade é anunciar a criação do Espaço Pasárgada pela FUNDARPE, já que diálogo entre Lamartine e o poeta de «Os Sapos» gira em torno do velho e do novo Recife. Lamartine lamenta a poluição do Capibaribe, e diz que o Sertãozinho de Caxangá de Bandeira «já era», não há mais «deslumbramento» (veja-

se que «já era» mesmo, pois o cordelista até substitui a belíssima expressão «alumbramento» usada por MB em sua evocação da cidade); lembra os poetas recentemente mortos (Joaquim Cardoso, Mauro Mota), os artistas, na época, ainda vivos (João Cabral e Cícero Dias) e cita, como jovem poeta, Marcus Accioly. No entanto, não deixa de comentar que «muito abuso está havendo» no campo da poesia: «Poetinhas escrevendo / só versos desordenados. / Dizem que são modernistas, / mas, coitados, não são nada.» (Morais³, 2000, p. 3).

2. *Vida e Morte de Manuel Bandeira*, de Rafaelle Cordel

O último cordel sobre Bandeira que tivemos ocasião de consultar está na internet. Sua autora é Rafaelle Cordel, nome artístico de Rafaelle Sousa, que, na realidade, escreveu obras sobre temas espirituais e de desenvolvimento pessoal, tendo publicado o livro que tem por título *O cordel das almas*.

Vida e Morte de Manuel Bandeira, o cordel de Rafaelle sobre o poeta pernambucano, diz assim:

O homem do qual vou falar
É homem de muito apreço
Com dez anos de idade
Já fez seu primeiro verso

Nasceu aqui em Recife
Mas teve que viajar
Quatro anos de idade
Foi em Petrópolis morar

Mas como diz o ditado:
Um bom filho a casa torna
Dois anos depois da partida
Ao Recife ele retorna

Ficou aqui por dois anos
Na casa de seu avô
Mas por ordem do destino
Mais uma vez viajou

Desta vez para São Paulo
Onde na estrada de ferro trabalhou
E na escola politécnica
Ele também estudou

Por incentivo do pai
Para arquiteto estudou
Mas por causa de um doença
Os estudos abandonou

Passou a vida doente
Na Suíça se tratou
Mas o sonho de ser poeta
Ele nunca abandonou

Em 1917
Seu Primeiro livro publicou
Numa edição de 200 exemplares
Custeada pelo autor

A Cinza das Horas foi o nome
Do primeiro livro seu
Também teve Carnaval
E O Ritmo Dissoluto escreveu

Teve muito Desencanto
Mais nada o fez desanimar
Deixou para os Namorados
Escrito a Arte de Amar

E na Paisagem Noturna
Pensando em seus valores
Sentado a Velha chácara
Fez Oração para Aviadores

Morou em tantos lugares
Até fora do Brasil
Até que chegou o dia
Que para sempre partiu

Que Tragédia Brasileira
Uma dor maior não existe
Até mesmo a Andorinha
Agora canta mais triste

Em 1968
No Hospital Samaritano

No dia 13 de outubro
Morreu aos 82 anos

Foi-se embora pra Pasárgada
Teve morte absoluta
Mas deixou o Exemplo das Rosas
Para aquele que o amor busca

Com seu Coração Belo Belo
Só ele pode fazer
Versos escritos n'água
E agora todos vão saber

Não tô com Libertinagem
Não tô falando besteira
O homem do qual to falando
É estrela da vida inteira
É claro que estou falando
Do Poeta Manuel Bandeira.

Se, nos versos “Quatro anos de idade / Foi em Petrópolis morar”, a autora faz referência à primeiras memórias de Bandeira, e, depois à casa do avô em Recife, local sempre celebrado pelo poeta, em “Desta vez para São Paulo / Onde na estrada de ferro trabalhou”, a alusão é aos trabalhos técnicos desenvolvidos por Bandeira, em 1908, na Sorocabana. Já “E na escola politécnica/ Ele também estudou /Por incentivo do pai / para arquiteto estudou” a referência é ao ano de 1903, e condensa o que diz o próprio poeta, em “Testamento”: “Criou-me, desde eu menino/ Para arquiteto meu pai.” Os versos seguintes desse poema -“Foi-se-me um dia a saúde.../ Fiz-me arquiteto? Não pude! / Sou poeta menor, perdoai!” — vêm aludidos por Rafaelle, em “Mas por causa de uma doença / Os estudos abandonou / Passou a vida doente/ Na Suíça se tratou / Mas o sonho de ser poeta / Ele nunca abandonou”.

Em seu texto, Rafaelle também faz referência nominal aos livros *A Cinza das Horas*, *Carnaval*, *Ritmo Dissoluto*, *Belo Belo*, *Libertinagem* e *Estrela da Vida Inteira*. Já no caso dos poemas, ela se atém a “Desencanto”, “Versos escritos n’água” e “Paisagem Noturna”, de *A Cinza das Horas*; “Arte de Amar” e “Velha Chácara” de *Lira dos 50 anos*; “Oração para Aviadores”, de *Opus 10*, “Andorinha”

Para falar da morte de Bandeira, de que cita dia, mês, ano e local, Rafaelle se vale de um texto em prosa do poeta — “Tragédia Brasileira” — e se refere a “Pasárgada”.

Considerações Finais

Nascido e criado em Pernambuco, Manuel Bandeira foi sempre fiel a suas origens. Daí o seu gosto pela literatura de cordel e o prazer que, permanentemente, demonstrou ao ouvi-la, como se vê registrado em seus poemas e crônicas.

Orgulhosos do conterrâneo, vários cordelistas lhe dedicaram versos: uns focaram suas ligações com o Modernismo; outros dialogam com ele em torno das características do velho e do novo Recife; outros, num tema comum ao cordel, mostram-no recebendo poetas na vida *post-mortem*; outros ainda pinçam expressões da lírica bandeiriana, com várias remissões a Pasárgada. E há ainda os que escreveram em verso uma verdadeira biografia de Bandeira, aludindo a poemas e livros de sua autoria.

Vale ainda acrescentar que o alagoano Djavan utilizou versos de “Cantadores do Nordeste” de Bandeira, acrescentando-lhes outros em “Violeiros”, canção que a mineira Monica Salmaso escolheu para um vídeo que publicou.

Referências

- BANDEIRA, Manuel. Cantadores do Nordeste. In: *Poesia completa e prosa seleta*. (Org. André Sefrin). São Paulo: Nova Aguilar, 2020, v.1, p. 404.
- BANDEIRA, Manuel. Semana Cheia. In: *Poesia completa e prosa seleta*. (Org. André Sefrin). São Paulo: Nova Aguilar, 2020, v.2, p. 334.
- BARRETO, Antônio Carlos de Oliveira & FREITAS, Jotacê. *A peleja internética entre dois cabras da peste*. Salvador: Tapera, 2005.
- BARRETO, Antônio Carlos de Oliveira. *Canto lírico de um sertanejo*. Salvador: Akadicadikum, s.d.
- BARROS, Homero do Rego. *Homenagem ao poeta (recifense) Manuel Bandeira (1886*

– 1968). Recife: FUNDARPE, 1986.

CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. *Ascenso Ferreira, o imortal poeta de Pernambuco*. Salvador: Independência, 1981.

CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. *Catulo da Paixão Cearense, o trovador do Brasil; A Chegada de Catulo no Céu*. Rio de Janeiro: Bralis, 1973.

DJAVAN. *Violeiros*. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/djavan/85925/>
Acesso em: 20 abr. 2025.

MORAIS, Lamartine *De Bandeira a Pasárgada*. s.l.: s.n., 1994.

MORAIS, Lamartine *Um encontro com Bandeira*. Recife: s.n., 2000.

PAIVA, Aldemar. *A chegada de Nelson Ferreira ao Céu: uma fantasia de cordel*. Recife: Massangana/Fundação Joaquim Nabuco/Rosenblit, 1982.

PINHO, Sebastião Tavares de. “Vozes da cultura clássica na lira de Manuel Bandeira: da cidade de Ciro à utopia de Pasárgada”. In: *Máthesis*, Viseu, nº. 5, 1996, p. 417- 435.

PINHO, Sebastião Tavares de. Vozes da cultura clássica na lira de Manuel Bandeira ‘II: da sua formação latina aos versos “inumeráveis”’. In: *Confluência*. Revista do Instituto de Língua Portuguesa, Rio de Janeiro: Liceu Literário Português, nº. 29-30, 2005, p. 171-173,

SALMASO, Mônica. *Violeiros*. Disponível em: <https://youtu.be/-HWzAVW7MA?si=PFejr2FoPMdDo2Wo>. Acesso em: 21 abr. 2025.

SOARES, Marcelo. *Ascenso Ferreira: centenário do poeta (1895-1995)*. Timbaúba, PE: Folhetaria Cordel, 2001.